

ANPOCS / 2005

XXIX Encontro Anual

Caxambu (MG), 25-29 out.

GT 15 - Pensamento social no Brasil

Coordenadoras: **Heloísa Pontes** (UNICAMP) & **Isabel Lustosa** (FCRB)

Bilac e a cidade

Antonio Dimas (USP)

Na fase turbulenta da implantação da república brasileira, a Revolta da Armada de 1893 provocou verdadeira diáspora entre intelectuais brasileiros sediados no Rio. Vítima de recente prisão política anterior, Bilac estava entre eles e foi forçado, assim, a refugiar-se entre as sossegadas montanhas de Ouro Preto. Próximo dos 30 anos e já aclamado como poeta de prestígio, além de jornalista com espaço próprio na imprensa carioca e fluminense, Bilac aventurava-se pelo interior do país, pela primeira vez, ao que parece. Entre novembro de 1893 e junho de 1894 escondeu-se ele em Ouro Preto, primeiro, e Juiz de Fora, depois. Disso dão-nos contas detalhadas Raymundo Magalhães Jr. e Eloy Pontes, seus biógrafos. (8-9-10)¹

Antes desse episódio, sua incursão mais funda dentro do país dera-se por cerca de doze meses, entre 1887 e 1888, quando tentara o curso de Direito na São Francisco, interrompido como interrompera antes o de Medicina no Rio. Enfastiou-se com São Paulo o poeta. Longe do círculo de amigos e de um namoro incipiente com a irmã de Alberto de Oliveira, avesso ao estudo sistemático e arrepiado com a pasmaceira da capital paulista, o poeta preferiu retornar ao Rio, onde poderia lambuzar-se com a notoriedade alcançada pelos seus poemas recém-publicados. Dessa experiência paulista pouco ficou de marcante, exceto uma crônica de recordação, escrita mais de dez anos depois, na qual o cronista se revela espantado com as modificações materiais da cidade, um de seus assuntos prediletos (*GazNot* 03 mar. 1901).²

Aliás, falar de cidades era a paixão de Bilac, o cronista.

Em sua atividade nos jornais, que se estende por quase vinte anos assíduos, encontra-se uma variedade enorme de assuntos, que se aglomeram, de preferência, em torno do tema do "progresso", dentro do qual a cidade e seus *mores* ocupam lugar mais que privilegiado. O progresso urbano, eis seu

1 Para minimizar a inconveniência do rodapé, enumerei os títulos bibliográficos, diretamente utilizados na elaboração deste artigo. Quando necessário apontar a página específica de alguma citação, o número dessa página virá em seguida ao número do título.

2 *GazNot* é sigla do jornal carioca *Gazeta de Notícias*, periódico de onde foi retirado o grosso das crônicas bilaqueanas.

grande tema e o grande personagem de suas crônicas.

Na sua geração, sempre suspeita de estouvamento e de leviandade, não houve quem se batesse com tanta continuidade e de modo tão público pela melhoria da condição urbana, mesmo que isso implicasse contradições freqüentes, nascidas, talvez, do dilaceramento entre o natural desejo de conforto material coletivo e o respeito pela preservação histórica; do dilaceramento entre o desejo do cidadão e o dever do intelectual. A seu ver, como já dissemos, a cidade que reunia de maneira harmoniosa a preservação do passado com as exigências últimas da vida moderna era Paris, cidade que ele divide tão bem: na margem esquerda, o recolhimento e a erudição lastreada no passado; na direita, a frivolidade e mundanidade fazendo alarde do presente (*GazNot* 17 jun. 1904).

No estágio forçado de Ouro Preto, iniciado em novembro de 1893, Bilac e Afonso Arinos acamaradaram-se logo. É muito provável que o caminho de um houvesse cruzado com o de outro pelas salas e corredores da São Francisco, a tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, onde ambos estudaram na segunda metade dos anos 80.

Foi durante a primeira etapa, de acordo com Rodrigo de Melo Franco de Andrade, que Bilac se tornou *assíduo freqüentador da casa ouropretana* de Afonso Arinos, *na vigência das repressões florianistas ao jornalismo adverso* (1: 2). Na calma da capital provinciana dilatou-se a disponibilidade de Bilac, que canalizou seu ócio para extensas excursões pelas redondezas e intensas incursões pela História, sob a tutela de um dos precursores de nosso regionalismo literário. Calejado por freqüentes viagens pelo sertão mineiro, goiano, fluminense e paulista, ora acompanhando as andanças da família, ora matando sua própria curiosidade, Afonso Arinos mostrava-se o guia ideal para Bilac, tanto na geografia, quanto na história. Suas inúmeras travessias sertanejas escanchado em lombo de burro ou sua preocupação profissional com a história recomendavam e habilitavam o futuro contista de *Pelo sertão*. Em Arinos, concentravam-se o conhecimento do tempo e do espaço. Afinal, ninguém melhor que um descendente de troncos rijos e ilustres de Paracatu de Minas, filho de político antigo, irmão de senador recém-eleito para a Constituinte estadual e futuro esposo de uma sobrinha do monarquista Eduardo Prado para servir de guia ao exilado em sobressalto.

À parte, ainda, o contorno mítico da biografia que Tristão de Ataíde dedicou a Afonso Arinos é preciso também reconhecer a intimidade de Arinos com a história de Minas, do que resultou seu empenho na criação do Arquivo Público Mineiro, criado por José Pedro Xavier da Veiga em 1895. Segundo Tristão, sabedor da *riqueza inestimável em documentos, que possuía a sua província*

mineira, e vendo a perda irreparável que seria para a nossa história o desaparecimento dessa insubstituível documentação, Afonso Arinos levantou a idéia da fundação de um Arquivo Público, onde se concentrassem e se protegessem, contra o tempo e o esquecimento, esses mananciais da história mineira, que foi na Colônia a parte principal da nossa. (3: 18).

Com todos esses títulos e cuidados, Afonso Arinos, coadjuvado por Diogo de Vasconcelos, acabou por se converter numa espécie de professor de Brasil para Bilac.

Num espaço convidativo, favorável ao recolhimento e à evocação, dava-se o encontro entre pessoas certas. Nesse lugar e nesse momento operava-se o batismo (ou seria conversão?) de um intelectual que, até então, granjeara sua notoriedade graças às musas helênicas. Antecipando futuras conversões dos modernistas, nos anos 10 e 20, com Mário de Andrade à frente, antiga Vila Rica abocanhava um poeta parnasiano e o transformava em historiador informal, em perspectiva ligeiramente diferente de seu conversor Arinos, no entanto. Enquanto o escritor mineiro construía e consolidava seu nacionalismo com base numa exploração *geográfica* e, portanto, *espacial* do Brasil, Bilac articulava o seu nacionalismo inicial a partir de uma perspectiva *histórica* e, portanto, *temporal*. Em resumo: Arinos preferiu o regionalismo; Bilac optou pelo historicismo.

Oculto numa cidade em que os vestígios coloniais de opulência desfeita e de autonomia política gorada ainda eram muito fortes e recentes, e recebido por um descendente de estirpe histórica que batalhou pela criação condigna do Arquivo Público Mineiro, Bilac é acolhido de imediato por Diogo de Vasconcelos (1843-1927), intelectual versado em História, autor de livros clássicos sobre as Minas Gerais e providencialmente adepto de uma *historiografia tipicamente romântica* (11: 19), como ensina Francisco Iglésias em prefácio à *História antiga das Minas Gerais*. Tudo indica, portanto, que o fugitivo caiu de cabeça no meio favorável à vigília e ao recolhimento histórico. Juntavam-se, pois, a fome com a vontade de comer, em momento e meio mais que propício, porque, a terra mineira, diria Bilac, anos depois dessa descoberta, *não guarda somente nas entranhas o ouro excelente que a Inglaterra extrai e amoeda: guarda todo um mundo de tradições e de relíquias históricas, todo um passado ainda vivo e palpitante nas pedras das suas ruínas e nas recordações dos seus arquivos. Um filho do Rio, de S. Paulo, de Pernambuco ou do Rio Grande do Sul sente-se mais brasileiro quando respira o ar da Mantiqueira. (GazNot 19 mar. 1899)*. A companhia reciprocamente disponível do contista e do historiador, pautada por prováveis serões prolongados e hidratada pelos bons vinhos da adega de Arinos, deve ter picado a veia histórica de quem vinha se

dedicando à crônica, em jornais cariocas e fluminenses, desde o início da década de 80.

Em 1903, ao receber Arinos na Academia, Bilac destampou seu baú de recordações e confessou:

Enquanto pelas ruas de Ouro Preto, naquele ano trágico de 1893, os vivos comentavam com calor os episódios da revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras, - nós dois, mergulhados no passado, conversávamos com espectros. Toda a gente do século XVIII, - capitães-generais, ouvidores, milicianos de El-Rei, aventureiros, traficantes de pretos, frades e freiras, tiranos e peralvilhos, fidalgos brilhantes e pobres bateadores de ouro e catadores de cascalho, garimpeiros, senhores e escravos, damas de casta orgulhosa e imundas pretas descalças, ricos proprietários e contrabandistas farroupilhas, - toda essa gente acudia ao chamado da nossa curiosidade, e, saltando das casas arruinadas do Padre Faria e de Antonio Dias, evadindo-se do mistério dos arquivos, repovoando as ruas cheias de escombros, vinha reviver conosco a sua antiga vida pitoresca. [...] Assim, no estudo dos tempos mortos, consumíamos as horas... (7: 140-141).

Como anfitrião oficial de Arinos na Academia Brasileira de Letras, Bilac deixa clara sua concepção de fato histórico: um naco do passado emoldurado pela imaginação carinhosa, mas romântica e idealizadora. Nas palavras finais desse seu discurso, o qualificativo *pitoresco*, reportado à sua etimologia primeira, que encerra a acepção de *plasticidade* e de *cor*, enquadra e explica o cronista, cujo comportamento na recuperação do fato histórico regula-se, sobretudo, pela exploração das formas, dos volumes, dos movimentos e pelo descritivismo plástico, voltado muito mais para a recriação do clima do que para o fato em si ou para sua eventual compreensão crítica. Apostando nessa direção da revitalização histórica, Bilac desloca-se intelectualmente e transforma o *fim* em *meio*, na medida em que a palavra deixa de ser o objetivo, como na poesia, para ser instrumento de sensibilização e de compreensão, como na história.

Na verdade, Bilac reivindica a exploração do passado como instrumento de compreensão do presente e verbera a negligência brasileira diante de sua própria história. No entanto, alerta ele, a recuperação e a preservação desse passado não poderá ser alcançada com o sacrifício da qualidade lingüística do texto. Para o cronista, se o historiador e o estilista competem e medem forças, não é por simples exibicionismo verbal, mas sim porque a língua bem cuidada é sintoma de preservação da nacionalidade, além de fator de persuasão por meio do envolvimento emocional. Em outras palavras: uma vez que não dispunha de método histórico, nem era esse o seu interesse, já que escrevia para

jornais e não para acadêmicos, Bilac supria sua carência metodológica pelo manuseio exemplar da língua, instrumento eficaz para reconstruções históricas por intermédio da imaginação. Onde faltasse método de investigação, instalava-se o método poético, o que não pode e nem deve ser confundido com devaneio gratuito e menos ainda com o uso meramente retórico da língua.

Seu trabalho imediatista era o de persuadir, de convencer, de catequizar. Daí ser feito, de preferência, em jornais e não em livros. Nestes, tempos depois, iriam repousar suas crônicas, aparadas pela seleção e remodeladas para se ajustarem a um veículo com outra intenção e um destino mais duradouro.

Indiferente ao rigor da pesquisa sistemática, item que não se encaixava dentro de seus objetivos jornalísticos, embora não o desprezasse, o cuidado de Bilac volta-se para a lacuna escancarada que reclamava atenção imediata, antes que as traças corrompessem o que restava da memória. Nas andanças por Ouro Preto, Afonso Arinos orientou-o pelos arquivos e ensinou-lhe a rastrear papéis velhos. Se o documento *escrito* inexistia ou é insuficiente, o jornalista abandona-se ao ambiente, rodeia-se de suas leituras anteriores e abre caminho para que o poeta culto invada sua escrita e recrie um adro coruscante de cores e coleante de formas em um domingo de manhã. Como, por exemplo, naquela crônica que salvou de sua primeira passagem por Ouro Preto e na qual reconstitui *um dia de festa religiosa no bairro do padre Faria*:

Passam cabeleiras trançadas, de rabicho, caindo sobre costas de compridas casacas amarelas, azuis, vermelhas e verdes, amplamente degoladas, com enormes canhões dobrados; coletes de cetim macau, bordados a lantejoulas, com abotoaduras fulgurando como estrelas; camisas de folhos sobre cujas rendas se agitam, à maneira de grandes borboletas brancas, as largas gravatas de lenço bordado; chapéus à Frederico, de três pancadas; calções de seda, sobre cujas fivelas de ouro roçam de quando em quando tilintantes bainhas de prata de floretes ricos. E, sobre as lajes, ritmando a cadência do passeio, batem grossos bastões, de castão recamado de gemas preciosas. (4: 44).

A eventual imobilidade do quadro, aparente cena congelada do passado, desfaz-se rápido, quando o narrador destaca o policromatismo dos objetos, cuja variedade de formas se intensifica graças à movimentação capaz até mesmo de animar, de modo zoomórfico, partes inertes do vestuário. E a movimentação não se faz silenciosa, senão acompanhada de sonoridade cadenciada e discreta, como a chamar a atenção do leitor pelos ouvidos também, além dos olhos, é claro.

O ar puro das montanhas e o viço da natureza reanimam o jornalista escorraçado do Rio, que saltou cem ou cento e cinquenta anos para trás, em busca de um tempo menos áspero. Favoreceu-o a iluminação escassa e precária da cidade em cujas sombras desenvolvem-se o sonho e a imaginação, que restauram um passado longínquo. Para reconstruí-la, socorre-se o cronista da categoria do verossímil, mais oportuna e mais aliciante que a da veracidade:

Oh! deliciosa, oh! encantadora cidade para passeios à noite com a alma embebida nas recordações do tempo colonial, sem destino, ao acaso das ladeiras!... Concentrado o espírito nessas recordações, por uma espécie de auto-sugestão, vêem-se as ruas povoadas de fantasmas. (GazNot 07 nov. 1893).

Plenamente ajustado à noção da cidade que vicia em oposição ao campo que tonifica, o jornalista acrescenta a esse mito um outro: aquele que reserva ao campo o dom da revitalização nacionalista, o dom da redescoberta das raízes nacionais que, no litoral, se deterioravam por causa do invasionismo estrangeiro. Em suma, o campo restabelece as forças físicas e as cívicas, porque *o litoral é de todo mundo: de sol a sol, chegam e partem navios, trazendo de longe influências estranhas, levando para longe qualidades nativas (GazNot 19 mar. 1899)*. Segundo ele, longe do burburinho da cidade grande e litorânea, descaracterizada pelas levas incessantes de imigrantes estrangeiros que chegam e a deformam e onde *o espírito vai perdendo a consciência da nacionalidade (GazNot 07 nov. 1893)*, encontra-se o ar puro que faz bem aos pulmões e que se mistura com as manifestações mais autênticas de nossa nacionalidade. *É nas casas velhas e decaídas de Ouro Preto, que cambaleiam colinas abaixo, explica o cronista, é nessas mesmas casas que se escoram umas às outras em prodígios de equilíbrio; nas suas velhas igrejas, em cujas esculturas vive perpétuo o gênio do Aleijadinho, e cuja ornamentação relembra o fausto religioso da opulenta Vila Rica; e, mais do que tudo, nas suas ruínas venerandas, alicerces colossais de pedra benta, pilastras quebradas que as heras mordem, pórticos esboroados, cujos destroços se aconchegam de líquens, - é bem nelas que perdura religiosamente conservada a tradição dos primeiros brasileiros. (GazNot 07 nov. 1893).*

Para Bilac, a percepção do tempo obriga a reparar nas coisas e nos objetos, elementos que materializam o passado remoto ou próximo. Para ele, o respeito à cultura material indica aceitação madura do passado. O contrário disso é o desprezo, a destruição ou a alienação por interesse financeiro (*CorPau* 10 jun. 1908), sinais de quem é incapaz de conviver com as próprias origens.

Numa comparação zombeteira, que hoje cairia mal, Bilac afirma que *a verdade é que abafamos dentro d'alma a idéia do passado, como sufocaríamos um remorso importuno. Somos todos, mais ou menos, como o mulatinho idiota que unta os cabelos com óleo de babosa para lhes disfarçar o comprometedor encrespamento, e para explicar a cor morena da pele, pretende descender de algum velho caboclo, cacique autêntico, - como se fosse mais vergonhoso provir de um preto das malocas de Angola do que provir de um bugre do Tocantins...* (GazNot 01 set. 1901). É por isso que, em momentos de impaciência, perguntava-se ele: *Quem se preocupa, nesta abençoada terra, com guardar e zelar cousas do passado* (GazNot 10 fev. 1901) ou *Que nos importa a História?* (GazNot 01 set. 1901).

Esse reação de desalento era-lhe ditada pela indiferença particular ou pública aos documentos e objetos históricos (GazNot 10 fev. 1901) ou pelo vandalismo popular, que não poupava os monumentos públicos (GazNot 01 set. 1901).

Diante do descaso ostensivo às obras públicas - jardins, praças, grades, portões, estátuas, monumentos, chafarizes, edifícios, etc. - o cronista sucumbe ao pessimismo e despeja seu mau humor, porque lhe parece que a depredação de bens *materiais* funciona como atestado inequívoco de imaturidade cultural e de rejeição sumária ao progresso urbano. Instala-se, então, nessa constatação horrorizada - a de que o brasileiro não respeita o bem público, porque rejeita o progresso - uma das chaves do comportamento opinativo de Bilac, enquanto formador de opinião pública através da imprensa.

O respeito ao passado, segundo ele, revelar-se-ia por meio da preservação cuidadosa dos bens materiais postos à disposição da população para o seu próprio conforto. Se não se observa esse cuidado, por ignorância da população ou por sua indigência (CorPau 10 jun. 1908), pouco ou nada se pode esperar do futuro, porque o presente também é maltratado. *Como exigir algum respeito às obras de arte, pergunta-se ele, de uma gente que arrebenta às patadas as bacias de mármore dos mictórios, e que retorcer hastes de ferro e bronze com a mesma facilidade com que retorceria o mais frágil dos vimes?* (GazNot 01 set. 1901)

Inconformado com nosso comportamento perdulário perante o passado e com nosso vandalismo no presente, resta ao cronista a projeção de um futuro auspicioso, repleto de realizações materiais, carregado de conforto e de distinção, o que nos colocaria bem próximos dos padrões de países europeus adiantados. Uma vez que o presente agressivo não satisfaz, qual a saída?

Aparentemente, duas apenas: ou se volta para a recriação idealizada do passado, em que as ladeiras da antiga Ouro Preto enchiam-se de fantasmas adamados, ou se projeta uma cidade nova, próxima da antiga capital mineira. O que não se pode, adverte o cronista, é adulterar o espaço sagrado da antiga Vila Rica, dotando-a, como querem alguns apressados e insensíveis, de luz elétrica, invento incompatível com a *poesia da cidade* (*GazNot* 07 nov. 1893). Porque a claridade inconveniente, além de alumiar demais o presente indigesto, espanta o passado que se quer emoldurado.

Do centro privilegiado de Ouro Preto e protegido pela sombra do Itacolomi, o cronista olha para trás e contempla a Vila Rica luxuosa que, mais tarde, será transportada para um livro, em cujo título, *Crônicas e Novelas*, misturam-se, como que de propósito, o gosto pela factualidade e o pendor para a fantasia.

Em meio a uma ponta e outra desse arco que se retesa entre o passado e o futuro, suprime-se o presente, que não interessa, porque vincado de muitos conflitos.

Assim que pisou em Ouro Preto, logo na primeira crônica depois de seu desembarque, o cronista metaforiza sem reserva e comemora: *Vir a Minas é vir ao coração do Brasil* (*GazNot* 07 nov. 1893). Começa aí, portanto, uma indisfarçável profissão de fé nacionalista na qual a capital de Minas, nas vésperas de ser substituída por Belo Horizonte, alcança uma profundidade histórica e uma amplitude geográfica que o Rio fora dissipando aos poucos, no modo de entender de OB.

Nessa celebração da antiga Vila Rica, o cronista começa por realçar as montanhas frescas que a rodeiam e que a mantêm a salvo das impurezas e do calor, gerados pela disputa do poder na capital do país. Aquele lugar paradisíaco, enfiado na *castidade das colinas embalsamadas* (*GazNot* 07 nov. 1893), favorece o exercício da poesia e a recuperação do passado, porque suas ruas e becos estão pejudicadas de História ou porque a *iluminação escassa favorece o sonho* (*GazNot* 07 nov. 1893). Daí ser inaceitável que se pense em dotar a cidade de iluminação elétrica, como querem alguns mais afoitos. Embuçado pela fumaça do querosene mal-cheiroso, o cronista pode afundar-se no passado, recortando-o de forma interessada, nele abrindo espaço para imaginar o *fulgor de grandes diamantes de Tijuco* (*GazNot* 07 nov. 1893), os fidalgos com fatiotas de *cetim macau bordado a lantejoulas* (*GazNot* 07 nov. 1893) ou as damas escondidas atrás das janelas, que ainda deixam ver sua *coifa de seda branca, de onde pendem fios de ouro*. (*GazNot* 07 nov. 1893). Do passado extrai ele a opulência material, que o empurrou também à pesquisa nos arquivos de onde extraiu material para outras crônicas em que critica nosso descaso documental.

No coração do país, no miolo de sua memória, a temporalidade triparte-se e engolfa o cronista. Nas ladeiras, vielas e porões de Vila Rica, especula ele, há fartura de dados para se emoldurar um passado como se quer. Quanto ao presente, que não se mostra a gosto, porque a disputa política baniou o visitante por uns tempos das margens da Guanabara, convém saltá-lo. Sobre o futuro, que está a algumas léguas de distância apenas, logo ali no Curral del Rei, não custa bisbilhotá-lo.

Quando da presença desse fugitivo em Ouro Preto, Minas vivia a disputa política sobre a escolha de um sítio para sua futura capital, que acabou recaindo, como se sabe, no antigo campo do Curral del Rei. Atento à oportunidade jornalística e não menos ansioso acerca de um futuro pleno de comodidades urbanas, Bilac reúne grupo de outros curiosos, não nomeados, e realiza excursão ao local onde se construía a nova capital. Da visita resultam quatro crônicas, publicadas em 26, 27, 28 e 30 de janeiro de 1894 na *Gazeta de Notícias* também.

Nelas é forte a preocupação informativa. Cada uma detém-se numa particularidade, de forma a estimular a curiosidade do leitor. Na primeira, depois de historiar o projeto a respeito da mudança da sede do governo, Bilac narra o percurso entre Ouro Preto e Curral del Rei; na segunda, acumulam-se algumas informações sobre a geologia, a topografia e a fertilidade da terra escolhida; na terceira, abre-se um parêntese para desmentir boatos invejosos que davam a região como favorável ao bócio endêmico; na quarta, consagra-se e ratifica-se a escolha daquele espaço por meio de descrições enfáticas da geologia e da gastronomia local. Em seu conjunto, os parágrafos vão-se sucedendo de modo a suprir o leitor com fatias de informação. Num deles, desfila a paisagem vistosa; logo adiante, acompanha-se o susto do cronista diante de um trecho ferroviário em que a engenharia produziu milagres; em seguida, os milagres são de outra natureza, porque o cronista os viu relatados através *de um desenho primitivo e ingênuo* (*GazNot* 26 jan. 1894) numa capelinha perdida no cocuruto de um morro; depois, o importante é a lembrança de uma refrega em que interveio o Duque de Caxias; mais à frente, são as frutas sumarentas e coloridas que nos excitam o paladar; por fim, é a topografia favorável à *edificação de uma capital-modelo* (*GazNot* 27 jan. 1894), onde impressiona a abundância de rochas maleáveis e a quantidade de árvores de primeira. No entanto, ameaçando essa fartura e essa beleza providencial, espregueia o bócio sorrateiro, cujo perigo, não negado pelo cronista, é por ele mesmo relativizado através da lembrança de uma quadrinha popular bem humorada, como que a exorcizar o desmancha-prazer patológico:

*O papo pra ser bonito
Tem de ser de três caroço;
Um de um lado, outro do outro,
E um no meio do pescoço.
(GazNot 28 jan. 1894)*

Ao fim da viagem, aguça-se o apetite. De modo malicioso, em mensagem sub-liminar de abundância e de fartura, a seqüência termina sobre uma mesa posta e disposta a saciar a fome dos viajantes curiosos e cansados. Sobre ela *fumega o feijão de Minas, dentro de cujo caldo espesso se desdobram fartas folhas de couve repolhuda. O verde tenro dos quiabos casa-se ao amarelo fulvo da abóbora, em derredor dos grandes nacos de lombo de porco, cuja face tostada tem reflexos de ouro velho. E entre o assado gordo, de cuja superfície se eleva uma espiral de aromas, e as fatias finas do "beef" brasileiro, nadando num molho cujo cheiro embriaga, - esplende o angu de fubá, cuja massa compacta e clara estremece no prato como um bolo de gelatina.* (GazNot 30 jan. 1894).

Bem mais tarde, já digerido o almoço, os viajantes se retiram, de volta a Ouro Preto, protegidos por Vênus, cuja luminosidade concorre com a *claridade magnífica da lua cheia* (GazNot 30 jan. 1894). Se nos lembrarmos de que Vênus, além do componente de beleza e de fecundidade, carrega também a junção da morte e do renascimento, uma vez que está presente no raiar do dia e no seu fim (5: 999), constata-se que a viagem do jornalista curioso dera-se sob signo favorável. Mais que deslocar-se de um lugar para outro, mais que mera excursão de esparecimento, mais que simples recolhimento de material para suas crônicas, Bilac contara com o privilégio histórico de velar pela morte da antiga capital das Minas ao mesmo tempo em que testemunhava, excitado, o nascimento de uma outra, potencialmente capaz de satisfazer-lhe os desejos de homem prestes a ingressar neste século que termina.

Meses antes dessa cavalgada até Curral del Rei e ainda esforçando-se por disfarçar o susto diante do arbítrio florianista, Bilac atribuía função natural e religiosa às montanhas que ainda hoje, meio derrubadas, circundam a Ouro Preto que o acolheu. De um lado, como verdadeiro cinturão verde, protegiam-no elas, revitalizando-lhe o ânimo e tonificando-lhe os pulmões estragados pelo cheiro de pólvora das balas distantes, *que valsam macabramente no ar incendiado* (GazNot 07 nov. 1893). Por outro lado, protegiam elas também o *reduto último da nossa nacionalidade* (GazNot 07 nov. 1893), atuando como se fossem paredes inexpugnáveis de um sacrário onde *perdura religiosamente conservada a tradição dos primeiros brasileiros.* (GazNot 07 nov.

1893).

Anos depois da viagem forçada, o componente da sacralidade mineira ainda persistia no seu imaginário. Em crônica que esta pesquisa, por inadvertência, não salvou, mas que foi recuperada por Laís Correa de Araújo em boa hora, Bilac confirma seu otimismo, por ocasião de uma feira agrícola, em 1903. Alegando-se com a transformação daquela geografia, insiste o cronista no dado miraculoso, sem ignorar, no entanto, que dados novos de um tempo novo estão ali presentes. Em 24 de maio desse ano, na mesma *Gazeta de Notícias*, escreve ele:

Em nove anos, um taumaturgo, um milagreiro, um mágico transformou aquele pacífico e tristonho lugarejo em uma esplêndida cidade. Aplacou-se o solo, destruiu-se o mato virgem, a locomotiva acordou os ecos da Serra, canalizou-se a água, e os palácios saíram da terra, esplendendo ao sol.

Esse taumaturgo tem um nome feminino: chama-se A Coragem... (2: 28).

De modo inesperado, seu exílio político transformara-se em ganho pessoal e intelectual, além de modificar para romaria involuntária aquilo que lhe fora imposto como calvário. Romaria que lhe aticou os brios nacionalistas e que acabou também por arremessá-lo a projeções utópicas de um país prestes a se modernizar. Juntavam-se, pois, o passado e o futuro nesse seu afastamento provisório do litoral.

* * * * *

Enquanto homem da cidade, atento a tudo aquilo que nela se passa, se constrói e se destrói e que merece seu registro, Bilac divorcia-se do poeta que idealiza a natureza e recusa-se a confraternizar-se com ela, como que suspeitando-a adversária do conforto e da higiene postos em andamento nos melhores centros urbanos europeus. Dentro dessa recusa parece que se embute, também, por tabela, uma repulsa ao passado, porque é desse passado de glorificação das belezas naturais que se alimenta a mitologia carioca no seu afã de postar o Rio como dama galante.

Cria-se, então, um impasse difícil de resolver, porque o cronista recrimina o aspecto miserável que o Rio herdou das péssimas administrações anteriores, incapazes de modernizá-lo. Essa inépcia administrativa, acredita ele, decorre do uso desastrado das forças políticas, que acabaram por determinar a falta de conforto generalizado da cidade, envolta numa imundície permanente. Arrancá-la

dessa condição, no entanto, ajustando-a ao presente, significa, por outro lado, fazer tábua rasa de seu lastro histórico, herança que não podemos rejeitar, sob pena de perdermos nossa identidade. Como, pois, alterar a geografia sem corroer a história?

Ao cronista não interessava a Baía de Guanabara como dádiva da natureza, o que vinha sendo cantado em prosa e verso desde os primeiros viajantes que a conheceram. Mais que isso, interessava-lhe tão somente a cidade do Rio de Janeiro, centro urbano para onde convergiam necessariamente as atenções nacionais e estrangeiras.

Ainda que afeito à leitura dos historiadores, pouco se lhe dava a feira de admiração que a baía despertava nos visitantes, desde os mais remotos. Seu apego àquele *locus* nada tinha a ver com a noção de amenidade e de luxúria que tanto vinha e vem cativando o estrangeiro. Seu olhar voltava-se não para a baía, mas para a cidade; não para o mar, mas para a terra; não para a moldura, mas para o seu recheio. A cidade que ele defendia para si e para seus contemporâneos não comportava a louvação habitual da natureza. Para ele, o Rio de Janeiro precisava safar-se do pasmo unânime que provocava, se quisesse constituir-se como espaço higiênico e adequado à convivência humana. *O Rio de Janeiro*, sentencia Bilac, *precisa ver-se livre desta abominável fama, que tem, de possuir a mais rica natureza do mundo.* (OEstSP 15 jan. 1898). Contra essa fama e mesmo incorrendo no risco da incompreensão, o cronista adota uma pregação dendroclasta desde que isso contribuísse para o combate às mazelas que infernizavam a cidade: *Abaixo as árvores! E que, nos últimos troncos, que sobreviverem à hecatombe, sejam enforcados os últimos higienistas retrógrados!* (OEstSP 15 jan. 1898).

Independente da época, dos estilos, das origens, dos interesses e da formação intelectual de cada um dos admiradores da paisagem carioca, a natureza é presença constante na louvação da cidade. Seja na perspectiva de quem enxerga a terra vindo pelas águas do mar ou de quem a contempla encarapitado nas montanhas que cercam a baía, o efeito final é sempre o mesmo: surpresa, arrebatamento e exacerbação dos sentidos, que, quase sempre, desliza para a sensualidade.

Navegando ao revés nessa corrente, ainda que sob o risco de incompreensão daquele ou deste momento, topamos com um poeta parnasiano que, em sua poesia, nunca se deixou levar pela natureza carioca e que, como jornalista militante, combateu a favor da remodelação urbana, sua próxima bandeira de luta depois das experiências amargas recolhidas com o governo florianista. A rigor, não seria exagero dizer que o grande personagem da crônica bilaqueana, uma vez afastadas as primeiras

refregas pela consolidação da República, é, sem dúvida, a cidade do Rio de Janeiro. Por ela empenha-se o cronista desde os anos finais do século 19 até as vésperas de seu envolvimento definitivo com a campanha pelo Serviço Militar Obrigatório, em 1915.

No entanto, sua paixão pela cidade não era inocente, nem passiva. Para ele, esse encantamento com a moldura natural que privilegiava o Rio convertera-se em mito e isso era prejudicial, porque acabava por atrapalhar seu desenvolvimento urbano e por emperrar seu saneamento. Enrodilhadas na auto-contemplação narcísica, nem a população, nem as autoridades, sobretudo estas, eram capazes de se sensibilizar para as reformas viárias e infra-estruturais necessárias. Da sua perspectiva, a capital definhava sob o peso do desleixo administrativo que se misturava com o lixo acumulado. Tornara-se tão deprimente o problema que só através da ficção hiperbólica e do sonho é que se poderia espantar o sono dos cidadãos e dos leitores. Só por meio da fantasia e do delírio, enfim, é que se poderia esperar algum tipo de reação a um problema que, na imaginação bilaqueana, chegava mesmo a ameaçar a navegação internacional:

Sonhei esta noite que era prefeito municipal. Um gênio bom me enchera de importância política, apontando-me ao governo como o único possível salvador do Distrito Federal. E sonhei que aceitara a nomeação, e que, instalado na curul de Edil-mor, começara a trabalhar...

Logo, numa chusma inumerável, vieram os pretendentes, em número maior que o das estrelas do céu e o das areias do mar. E a todos os que chegavam, sem distinção, perguntava eu: "Sabe o senhor empunhar uma vassoura? sabe o senhor varrer uma rua?" Porque toda a minha preocupação era esta: varrer a cidade. E, assim que tive organizado o meu exército de varredores, disseminei-os pela vastíssima extensão da urbe de Mem de Sá, e o formidável trabalho começou. E o pó que as vassouras levantavam era tanto que enchia o céu e empanava o brilho das estrelas na altura. Nem todo o lixo de Xangai e todo o cisco de Fez, reunidos, poderiam dar idéia pálida do que era o cisco e o lixo de Sebastianópolis; gastavam-se as vassouras, morriam esfalfados os varredores, vinham vassouras novas, novos trabalhadores chegavam, e cada vez mais lixo! e cada vez aparecia mais cisco! e era um nunca mais acabar de imundícies remexidas! No mar, começou a crescer o aterro. A borra da incúria municipal enchia o seio imenso da baía. A sujidade repelia as águas. A cidade crescia. Houve um momento em que o aterro ganhou a ilha do Governador, a ilha das Cobras, Villegaignon, Santa Cruz, Lage, S. João... desapareceu a baía do Rio de Janeiro... e cada vez havia mais cisco! e cada vez aparecia mais lixo! e, passando a barra, a imundície começou a entulhar o largo Oceano... Então, as potências reunidas intimaram a suspender um trabalho que assim ameaçava impedir a navegação universal.

E, convencido de que não havia forças humanas que acabassem com o lixo e o cisco que a passada administração municipal deixou acumulados na cidade, pedi a minha exoneração e... acordei. (OEstSP 20 nov.

1897)

A tal ponto chegara o descalabro que, fosse preciso, a cidade teria de sacrificar suas massas vegetais, de se despedir de sua ornamentação, de seu arvoredo circundante e daquilo que a irritação do cronista chama de *trambolhos verdes* (*OEstSP* 15 jan. 1898). Começa, então, nesse finalzinho do século, a emergir dentro do cronista um discurso implacável de questionamento, que transborda os limites da cidade e respinga no próprio país. Meses depois desta proposta radical e fazendo deste raciocínio uma regra geral para o Brasil, Bilac avança e afirma que, ao contrário do que apregoavam os cronistas da Descoberta, este país já não é mais nenhum paraíso.

Por coincidência, nesse mesmo momento, um outro intelectual brasileiro constatava, pesaroso, que nossa ilusão paradisíaca se desmanchava e que *a rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas* (6: 320). Diferentes no tom, Euclides e Bilac se juntavam. E ainda que o lugar de cada um deles no nosso panteão literário seja distinto, não se pode arrebitar o nariz e fingir que um fosso profundo e intransponível separa os dois. O que um dizia do seu presente de olho no futuro, em registro mais erudito, outro dizia do seu presente para o presente, num registro mais ao rés do chão. O que um denunciava em plano mais amplo, o outro repercutia em escala menor, mas nem por isso menos significativa.

Em suma, começava-se a se desconfiar de nossa uberdade e de nossa prosápia. Da inexistência da higiene pública, que favorece a disseminação de pestilências, à miséria e à fome, o passo é curto. Esfumava-se o arrebatamento do escrivão Caminha, como se pode conferir nesta desabafo emocional de Bilac, publicado pelo mesmo jornal que, pouco antes, em março e julho de 1897, publicara as crônicas de "A nossa Vendéia", os primeiros germes do livro máximo de Euclides da Cunha.

Sim! miséria no Brasil! por que não? A nossa velha qualificação de terra onde ninguém morre de fome já foi embrulhada, classificada, e definitivamente recolhida ao armário venerando em que se guardam os chavões inúteis. A ilusão acabou. Já todo o mundo está convencido de que não há, na terra toda, um ponto só, em que não se sofram sede e fome, e em que se não possa morrer de miséria. Esse Paraíso Terreal não existe. As terras da Promissão dissiparam-se em névoa e fumo. E o frio conhecimento da fria realidade deu cabo da miragem dos Eldorados. (OEstSP 08 ago. 1898).

É claro que não se trata de súbita tomada de consciência pelos problemas do país e muito

menos de conversão inesperada à militância socialista.

Menos que isso e mais que a suposta indiferença parnasiana em que o circunscreveram pósteros apressados, está uma definição de progresso desejado, que passa, necessariamente, pela modernização material da cidade e do país, sem se esquecer de que conquistas dessa natureza só se realizam a contento se acompanhadas de mudança de mentalidade, de hábitos sociais e de comportamentos. Um reformista impaciente, sem dúvida; nunca uma consciência revolucionária. Pelo menos, não depois do pão amassado que comera com Floriano.

É porque sua concepção de progresso repousa na conformação da cidade aos padrões urbanos que conheceu pessoalmente em contínuas viagens à Europa, que Bilac encara com horror o levante de Antonio Conselheiro no interior da Bahia. Para o cronista, o líder sertanejo, enfiado em malocas desconjuntadas num arraial perdido no sertão, encarnava exatamente tudo aquilo que se opunha à noção de progresso, fosse por seu fanatismo religioso, fosse por sua falta de higiene, fosse ainda pela suspeita de sebastianismo monárquico que o rodeava.

Na geografia urbana ideal que arquitetou, Bilac arma um arco tenso, cujas pontas que se repelem são ocupadas por Petrópolis, verdadeiro *oásis de asseio e frescura* (*GazNot* 13 fev. 1897), e por Canudos, *a cidadela maldita, a furna lôbrega, o antro negro* (*OEstSP* 09 out. 1897). Em meio às duas, o Rio sujo que abominava, por causa da higiene inexistente ou por identificá-lo com o rodaminho político, o que seria, em seu ponto de vista, a mesmíssima coisa.

É claro que Petrópolis, mesmo sendo motivo de crônicas bem humoradas, publicadas em outro momento (*OEstSP* 13 nov. 1898 e *GazNot* 02 fev. 1902), é sempre sucedâneo de outra cidade melhor ainda, bem mais refinada ainda, espécie de patamar último numa escala ascendente de sofisticação, mas que fica fora de nossos limites, de nosso alcance, bem distante de nosso sítio acaipirado. Quando muito, ao alcance de uns poucos privilegiados, endinheirados o suficiente para atingi-la, ou intelectualmente preparados para saboreá-la.

Cumprindo a sina do intelectual latino-americano, o cronista cospe no prato, suspira pelos bulevares e esgarça-se entre ambos. A solução talvez estivesse fora de nós.

Sobrevém, então, mais outro impasse, além daquele acima apontado que o entalava entre a história do passado e a geografia do presente. Agora, sua aflição provém da paixão que o divide entre a cidade natal que dele arrancou inflamadas declarações de amor (*GazNot* 10 dez. 1895) e a capital francesa, meta ansiada dos bem pensantes de então.

Depois de tanto visitar Paris, Bilac tirou proveito da geografia da cidade e com ela modelou sua imagem pessoal daquilo que poderia ser um *carrefour* simbólico da História.

Segundo sua alentada experiência local, condensada numa crônica de junho de 1904, Paris não podia ser vista como uma cidade apenas, senão como duas, funcionando de modo complementar e assimétrico. Duas metades que se justapunham, embora com funções diferentes. Uma é a Cosmópolis, centro para onde convergem as atenções do mundo moderno e contemporâneo, *sala de visitas da Europa e de toda a terra*; outra é Lutécia, cujo nome arrasta atrás de si séculos de historicidade, *santuário da Tradição, da Ciência, do Estudo*. (*GazNot* 17 jun 1904).

Na margem direita do Sena, situava-se a cidade do Presente, buliçosa, movimentada, fremindo de luxo e de frivolidade, atravessada por costumes e idiomas os mais extravagantes e cosmopolitas, espaço privilegiado do prazer, festivo por excelência, aberto e coletivo, público e vistoso. Nele, convivem e coexistem sociedades do mundo, ansiosas de intercâmbio imediato e pródigas em exibicionismo, facilmente alcançável por intermédio de cafés elegantes, hotéis requintados, avenidas amplas e teatros com novidades constantes. Neste lado, a prioridade é para a festa e para a confraternização, para a sociabilidade e para a junção. Nada cristaliza esta margem, exceto o prazer sôfrego, como que amedrontado diante do *tempus fugit*. Nenhuma figura histórica sacraliza, abençoa e protege este pedaço como o fazem Condorcet e Voltaire com a margem esquerda. Para o lado de cá, o direito, não se esperam, porque supérfluas, a crença implacável no progresso humano que o primeiro defendia, nem a ironia devastadora que o segundo praticava. Dispensam-se a bênção e a proteção, porque este trecho é área de festa, de prazer e, por conseguinte, profana, reservada à dissipação, à volubilidade, ao cromatismo extravagante, à inteligência chistosa, tudo bancado pelo dinheiro a rodo, aqui, e curto, do lado esquerdo.

Na margem esquerda, onde se posta o narrador, a atmosfera é muito outra. Em vez do movimento, a calma; em vez da excitação física, a concentração intelectual; em vez da futilidade, a estabilidade.

Desse contraste nasce um paradoxo que não separa, mas que une ainda mais as duas fatias da cidade, nela imprimindo uma diversidade que a complementa: na margem direita, o ajuntamento nervoso dos corpos ávidos de novidade estimula a fruição do presente, menospreza o passado e pouco ou quase nada projeta para o futuro; na esquerda, suspende-se o presente e investiga-se o passado, numa tentativa de se indagar o futuro.

Porque é nos quarteirões à esquerda do Sena que se agrupam os liceus, a Universidade, as Faculdades, o Instituto de França e os alfarrabistas do Quai Conti e do Quai Malaquais. *Poucas carruagens, poucos ônibus vêm quebrar a quietude deste canto de Paris* (GazNot 17 jun. 1904), anota o cronista. Nessa porção urbana dedicada à sapiência e à erudição, convém que o silêncio se faça acompanhado de luz menos cintilante e menos espalhafatosa, para que não se inibam a reflexão, nem o recolhimento. É para preservar esse recato penumbroso e refratário ao brilho externo que as escolas e os *edifícios negros* se misturam nas mesmas ruas; que a *cúpula severa* do Instituto de França se esfuma num céu *revestido de névoas*; que as caixas dos *bouquinistes, feias e grosseiras caixas de madeira ordinária*, são *pintadas de negro* e que as lojas de *gravuras amareladas* da rue Jacob e da rue Dauphine são escuras e entulhadas de *velharias de toda espécie* (GazNot 17 jun. 1904). Nesse lado o som se propaga em surdina e as cores se ausentam ou são abafadas; no lado oposto, o barulho é babélico e as cores se confundem.

Graças à historicidade que rega a margem esquerda do Sena, garante-se uma continuidade cultural resistente o bastante para enfrentar o torvelinho cotidiano da margem direita. A aparente imobilidade externa dos quarteirões intelectualizados resiste muito bem à sistemática agitação superficial do lado oposto. O movimento na margem direita é aparente, mas estéril; na esquerda, o repouso é que é aparente, porque nele germinam frutos para o futuro. E é porque ambos os lados se distinguem em suas especificidades que convém nomeá-los de modo diverso para que sejam preservadas suas individualidades: à cidade que reverencia o Passado, chame-se Lutécia; à que se agita no Presente, dê-se o nome de Paris.

Ao fender a capital francesa em dois segmentos complementares, Bilac resolve um impasse pessoal, porque, sem menosprezar o passado repleto de tradição, cultiva o presente que acena com promessas de conforto material. Ao poeta parnasiano, devoto de uma longínqua herança helenizante, junta-se, pois, o jornalista do momento, sempre propenso a encarar o seu presente a partir de uma perspectiva prática. Assim como a cidade se partiu, partiu-se também o intelectual que desceu das nuvens e veio instalar-se no meio do espaço urbano.

Nas inúmeras crônicas que escreveu para jornais cariocas e paulistas, Bilac foi disseminando suas aversões e simpatias. Entre estas, um dos blocos mais marcantes é o que se refere à França, motivo de constantes viagens do poeta. No entanto, apesar da habitual adesão do intelectual latino-americano à cultura francesa, é preciso salientar que a de Bilac conheceu, ao longo dos anos, uma

ligeira alteração.

Se, numa primeira instância, o apego se mostra por intermédio das preferências, admirações e filiações literárias ou pela invocação de Paris como sinônimo cabal de refinamento e sofisticação mundanas, a ponto de provocar espanto pelo exagero decadentista (*OEstSP* 10 fev. 1898), num momento posterior essa caracterização corriqueira cede lugar a uma outra, cujo cerne não é mais a Arte, mas sim a Ciência.

Mas é no entrecruzamento da estética com a ciência que se desnorteia o cronista. Formado dentro de cânones poéticos que celebravam a frieza do mármore e o brilho parasitário dos minerais, Bilac recusa a incorporação de novos materiais de construção, sobretudo os empregados em monumentos públicos. De pouco parece lhe valer o argumento de que tais monumentos estejam assentados em elaborados cálculos estruturais antes de ganharem as ruas e as praças; de nada adiantam os indícios de que a engenharia do século 19 esteja em pleno processo de assimilação de materiais recém-conquistados como o aço.

E assim como dividira a cidade de Paris em duas, o cronista reparte agora o Ocidente em dois: a leste, a Europa capaz de preservar um acervo cultural proveniente de tempos remotos e adequado à estatura humana; a oeste, os Estados Unidos, cuja infância nacional se confunde com infantilismo estético e precariedade de gosto.

Em "O Monstro de Ferro", crônica em que o assunto é a possível venda da Torre Eiffel para a Prefeitura de Baltimore nos Estados Unidos, hiperboliza-se o horror pelas toneladas de aço espetadas no Champ de Mars e que foram aplaudidas por uns ou condenadas pelo cronista como *satânica invenção da engenharia moderna que maculou em Paris o esplendor da exposição universal de 89*. (*GazNot* 18 nov. 1894).

A seu ver, Europa e Estados Unidos modelam-se como espaços antinômicos devido ao lastro histórico de cada um. E, num processo curioso de entrecruzamento de percepção, ao território norte-americano, mais leve do ponto de vista da carga histórica, cabe o peso maior da torre; ao território europeu cabe o privilégio e o direito de ficar *livre e destravancado*, uma vez que sua densidade histórica dispensa a densidade do artificialismo escultural imaginado por Gustave Eiffel.

De uma leitura mais ampla das crônicas bilaqueanas, escritas entre 1890 e 1908, resulta sempre a impressão dúplice de sua Paris. Assim como ele a dividira em duas porções *geográficas*, uma séria e outra frívola, a que frui o passado e a que se espoja no presente, uma outra segmentação

poderia ser praticada, tendo em vista agora o percurso *histórico* da cidade. Na intuição talvez de que sua visão contemporânea da cidade pudesse injustiçá-la, ao reduzi-la a mera passarela de elegância e fatuidade, Bilac opera um corte histórico, atribuindo ao passado uma riqueza artística e literária e, ao presente, uma desenvoltura científica invejável. Em resumo, o passado da cidade, mesmo o mais próximo, é respeitável pela sua contribuição para as artes; o presente, pelo seu alinhamento com as conquistas científicas mais recentes.

Se a França retinha seu apanágio literário e seu prestígio junto à mundanidade elegante, cumpria agora reconhecer também sua presença na ponta da modernidade científica. É para lá, portanto, que se devem voltar as vistas se se pretende modernizar este país.

Dentro dessa linha de raciocínio, torna-se exemplar uma outra crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 1903, na qual Bilac anota sua surpresa e seu desconforto por ter viajado na companhia de uma mocinha tuberculosa num bonde carioca. Por sua descrição, vemo-nos diante de uma remanescente dos romances baratos que inundaram o século 19:

As mãos, com que a mísera apertava o lenço contra a boca, tentando abafar a tosse esfalfante, eram transparentes, cor de cera virgem, com os ossos e as veias avultando na pele; o peito, - o seu pobre peito de virgem estiolada ainda em plena puberdade, - cavava-se côncavo, comido pela enfermidade implacável; e duas rosas de febre, duas vivas rosas de febre, desabrochavam nas maçãs do seu formoso rosto de moribunda...
(GazNot 18 jan. 1903).

O detalhamento metonímico e hiperbólico não tem senão uma função: a de preparar o leitor para uma situação dramática que, ultrapassando o socialmente aceitável, exige a atenção do público e das autoridades que, supõe-se, o representam. Para o cronista, vida urbana e endemia são realidades incompatíveis. Como se trata de reivindicação objetiva montada em cima de descrição subjetiva, seu discurso abandona o descritivismo inicial para enveredar por um processo de enumeração, cujo fim é o de esmiuçar as medidas que convêm à situação, mesmo que isso implique vasculhamento das relações sociais e a conseqüente redução de normas tidas como elegantes. É mais que justo, portanto, que a única Liga contra a Tuberculose, sediada no Rio, acompanhe o exemplo de uma congênere francesa, *multiplicando conferências, publicações, cartazes; pedindo providências contra a exposição de gêneros alimentícios à ação da poeira; batendo-se pela necessidade do exame do gado em pé e abatido, pela fiscalização do abastecimento de leite, pela verificação da saúde das amas,*

opondo-se à convivência, nas escolas, de professores e alunos tuberculosos; mostrando os perigos do beijos, dados de boca a boca, principalmente em crianças; procurando levantar uma estatística perfeita e discriminar as causas que mais concorrem para a disseminação do hediondo mal. (GazNot 18 jan. 1903).

Em favor dessa campanha sanitária nenhuma instituição poderia ou deveria ser poupada. Até mesmo a Igreja deveria envolver-se, submetendo-se às prescrições ditadas pela ciência, cuja eficácia vai, aos poucos, se impondo e substituindo, quando necessário, os devaneios literários. É por esse motivo que Bilac subscreve, em público, um ofício da Associação Paulista de Sanatórios, dirigido ao bispo de São Paulo, no qual se sugerem providências higiênicas tais como:

Três vezes por semana remover-se-á a poeira dos bancos dos confessionários e dos altares, por meio de panos umedecidos em água simples, as grades dos confessionários serão freqüentemente lavadas com uma solução de lisol ou de creolina, ou melhor, com lixívia fervida; as pias de água benta serão esvaziadas pelo menos todas as semanas, e lavadas com uma solução de ácido fênico a 5 graus ou sublimado a 1 por 1000." (GazNot 30 mar. 1902).

Por trás do endosso do cronista, que se arrisca a pôr em discussão a inviolabilidade sacra da religião predominante, não está mais a autoridade de poetas e prosadores que, tempos atrás, haviam consolidado a excelência intelectual de sua querida França. À sensibilidade destes junta-se agora o racionalismo de um Pasteur, que era capaz de reconhecer no ser humano o resultado de uma feliz junção entre *l'homme savant* e *l'homme sensible* (GazNot 30 mar. 1902). Ao recorrer à autoridade de um cientista, falecido nos últimos anos do século 19, Bilac alargava seu panteão francófilo, nele incluindo a contribuição de um pesquisador amplamente identificado com o alcance social da ciência. Perante o bacteriologista, responsável por revelações que levavam ao saneamento individual e público, o reconhecimento do *jornalista*; perante o engenheiro, cujos cálculos e estruturas de ferro lesaram a face delicada da "sua" Paris, a relutância nada discreta do *poeta*.³

3 Este ensaio resulta da fusão de dois capítulos de livre-docência defendida na FFLCH-USP, em dezembro de 2005, intitulada *Bilac, o jornalista*, e que deverá ser publicada, em breve, pela EDUSP.

Fragments deles já apareceram em publicações especializadas.

Bibliografia utilizada

1. ARAÚJO, Laís Correa de (Org.) – *Sedução do horizonte*. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento-Fundação João Pinheiro-Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.
2. ATHAYDE, Tristão de – *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.
3. BILAC, Olavo - *Crônicas e Novelas*. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão, 1894.
4. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain – *Dictionnaire des symboles*. Éd. rev. et augm. Paris: Robert Laffont, 1982.
5. CUNHA, Euclides da – *Os Sertões*. 25ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1957.
6. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1965. Vol. 1.
7. MAGALHÃES Jr., Raymundo - *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.
8. PONTES, Eloy - *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. Vol 1.
9. PONTES, Eloy - *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. Vol 2.
10. VASCONCELOS, Diogo de – *História antiga das Minas Gerais*. Pref. de Francisco Iglésias. Introd. de Basílio de Magalhães. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.